

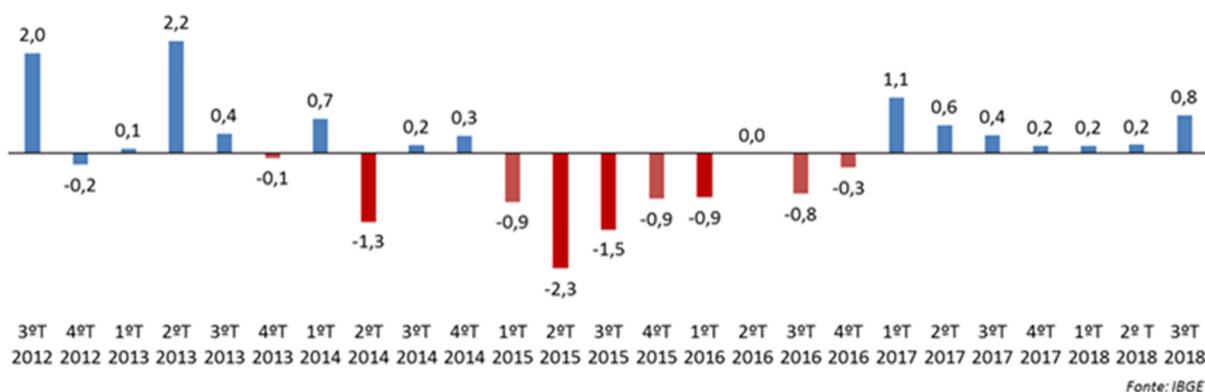
PIB DO TERCEIRO TRIMESTRE REGISTRA A MAIOR ALTA EM SEIS ANOS

Ajudada pela baixa base de comparação do segundo trimestre, a economia cresceu 0,8% entre julho e setembro. CNC revisa a previsão em relação ao PIB de 2018 para +1,4% e projeta avanço de 2,7% para o ano que vem.

De acordo com dados das Contas Nacionais divulgados hoje (30/11) pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a economia brasileira avançou 0,8% em relação ao segundo trimestre de 2018, já descontados os efeitos sazonais. A taxa observada é a maior para um terceiro trimestre desde 2012 (+2,0%) e a mais elevada para qualquer período de três meses desde o primeiro trimestre de 2017 (+1,1%).

QUADRO I VARIAÇÕES % DO PIB

(Trimestre em relação ao trimestre anterior com ajuste sazonal)



Apesar de o Produto Interno Bruto (PIB) ter acumulado avanço pelo sétimo trimestre consecutivo, ainda não é possível assegurar que as expectativas de crescimento mais acentuado tenham se confirmado a partir do terceiro trimestre, em virtude da base fraca de comparação representada pelos trimestres anteriores, especialmente pelo período de abril a junho deste ano, quando a economia sofreu os impactos negativos da greve dos caminhoneiros.

Naquela ocasião, na passagem de abril para maio a produção industrial encolheu 10,9%, as vendas do comércio retrocederam 4,9%, o volume de serviços caiu 3,5%, de acordo com indicadores do próprio IBGE. Sinteticamente, o Índice de Atividade Econômica (IBC-Br), apurado pelo Banco Central, apresentou variação mensal de -3,4%.

O nível de atividade mais acelerado da economia no terceiro trimestre havia, de certa forma, sido antecipado pela evolução da ocupação formal. De acordo com dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), o saldo de postos de trabalho celetista acumulado de julho a setembro (308 mil vagas) foi o maior para esse período desde 2014 (+328 mil).

Dos 12 subsetores representados nas Contas Nacionais, o grande destaque do trimestre foram os serviços de transportes (+2,6%), justamente a atividade mais afetada pelas paralisações de maio/junho, com queda de 1,6% no segundo trimestre. Em seguida, sobressaiu o resultado do comércio (+1,2%) – atividade que contou com o incremento extraordinário de R\$ 10,1 bilhões em suas receitas, por conta da expansão do consumo a partir da liberação de recursos do PIS/Pasep entre agosto e setembro deste ano, segundo estudo da CNC.

Pelo lado das despesas, o crescimento foi puxado pela demanda interna, na medida em que as importações (+10,2%) cresceram mais do que as exportações (+6,7%), tendo maior destaque. Em especial, a formação bruta de capital fixo avançou 6,6%, apesar das incertezas do período eleitoral – maior taxa trimestral para o período desde 2009 (+11,1%) quando o País se recuperava da crise financeira internacional desencadeada em setembro de 2008.

QUADRO II FORMAÇÃO BRUTA DE CAPITAL FIXO

(Variações % em relação ao trimestre anterior com ajuste sazonal)

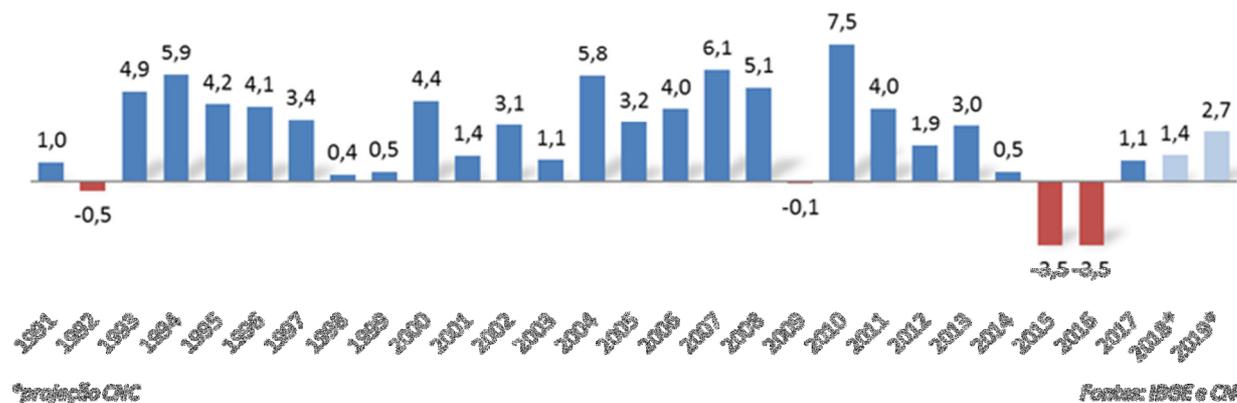


Fonte: IBGE

No comparativo com o mesmo período do ano passado, destacaram-se, novamente, os investimentos (+7,8%) pelo lado das despesas e os serviços de transportes (+2,9%) e o comércio (+1,6%). Com esses resultados, a economia brasileira acumulou alta de 1,1% ante os nove primeiros meses de 2017 – o melhor desempenho do PIB para esse período desde 2013 (+3,2%). Entretanto, a economia ainda se encontra 5,0% abaixo do pico alcançado em 2014.

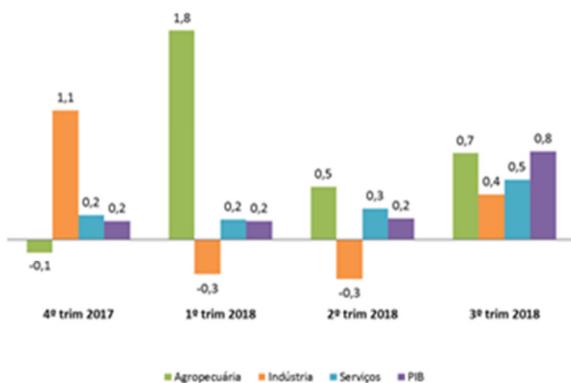
A despeito da construção de uma agenda liberal para a economia no próximo ano, ainda é cedo para se afirmar que o aumento da confiança no setor produtivo, fortemente apoiado nas expectativas em relação ao próximo governo, já esteja se materializando. As taxas significativas de variação da formação bruta de capital fixo, por exemplo, ainda se devem mais às mudanças do programa Repetro, segundo as quais empresas do setor de óleo e gás brasileiras que detinham ativos no exterior em nome de subsidiárias puderam nacionalizar esses bens, do que propriamente ao movimento mais forte dos investimentos. Para 2018, a Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC) revisou de +1,3% para +1,4% sua expectativa em relação ao crescimento da economia. A entidade projeta alta de 2,7% no PIB de 2019.

QUADRO III
PRODUTO INTERNO BRUTO ANUAL
(Variações % em relação ao ano anterior)

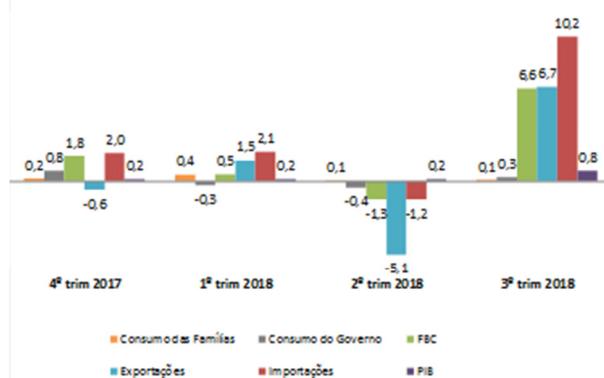


QUADRO IV
EVOLUÇÃO DOS COMPONENTES DO PIB

Ótica da Produção
(var % sobre o trimestre imediatamente anterior)



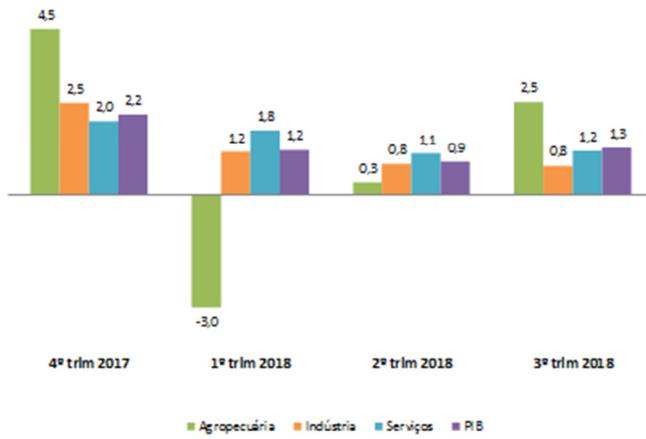
Ótica da Despesa
(var % sobre o trimestre imediatamente anterior)



EVOLUÇÃO DOS COMPONENTES DO PIB

Ótica da Produção

(var % sobre o mesmo trimestre do ano anterior)



Ótica da Despesa

(var % sobre o mesmo trimestre do ano anterior)

